



Sidney Chalhoub, Margarida S. Neves, Leonardo A. M. Pereira (org.), **História em coisas miúdas: capítulos de História Social da crônica no Brasil**. Campinas, Ed. da Unicamp, 2005.

Uma visão autêntica da memória do Brasil

Coletânea reúne 17 ensaios inéditos sobre cultura de época

por *Elias Thomé Saliba*

Confirmando estatísticas que guardam certa atualidade, Machado de Assis, como muitos dos leitores de jornais modernos, nunca foi grande apreciador do noticiário internacional. Por isto, talvez, ele tenha registrado, no longínquo ano de 1900, um vaticínio tão irônico: "Enquanto o telégrafo nos dava notícias tão graves, cousas que entram pelos olhos, eu apertei os meus para ver cousas miúdas, cousas que escapam ao maior número, cousas de míopes. A vantagem dos míopes é enxergar onde as grandes vistas não pegam." Tal observação - ainda que paradoxal - serviu de inspiração para os historiadores reunidos em *História em Coisas Miúdas - Capítulos de História Social da Crônica no Brasil*, uma coletânea de 17 ensaios inéditos, permeados por um fértil sortimento da história cultural brasileira, atendendo a todos os gostos e aos mais exigentes paladares.

Há estudos sobre produções efêmeras de autores consagrados: Machado, escrevendo nas séries jornalísticas Balas de Estado ou Comentários da Semana; Coelho Neto, Graciliano Ramos ou Câmara Cascudo escrevendo crônicas em rodapés das páginas de grandes matutinos ou José Lins do Rego, com suas incríveis colunas futebolísticas nos anos de 1940-50. Mas também ensaios sobre gente obscura ou pouco conhecida: Justiniano José da Rocha na época do império; Francisco Correa Vasques, o ator que dominava as "scenas cômicas" da belle époque; um melancólico Bastos Tigre na maturidade; o jornalista José Paulino de Azurenha - que com o pseudônimo de Leo Pardo, pontilhou as páginas do Correio do Povo, de Porto Alegre, no final do século 19.

Imagens da época ainda ressurgem nas impagáveis crônicas visuais de Raul Pederneiras - um relance satírico sobre a modernização compulsória do Rio de Janeiro e do País, que continuava a manter excluída grande parte da população brasileira. Os dramas do dia-a-dia transmutavam-se em piadas visuais, e diminuía, pelo riso - esta arma dos impotentes -, os efeitos perversos e humilhantes das exclusões e dos preconceitos. Numa sociedade como esta - escrevia Nelson Rodrigues - "o sujeito que fazia rir era um benfeitor".

Entre tantos capítulos importantes, há um sobre a sugestiva trajetória de José Barbosa da Silva - o Sinhô do samba - que, entre outras coisas, freqüentava os cordelistas e vendedores de liras antigas, dos quais amealhou muitos dos seus futuros sucessos, surgindo daí, talvez, a sua mais conhecida definição da autoria musical: "samba é igual passarinho: é de quem pegar primeiro". Sua reputação oscila, até hoje, entre a imagem positiva do inspirado humorista ou poeta que soube exprimir a graça e a dor do seu tempo e imagem negativa do pachola, adulator, oportunista e "rei dos sambas alheios".

Seja como for, Sinhô se transformou numa espécie de paradigma daquele raro artista capaz de registrar, como um sismógrafo, o movimento das "cousas miúdas". Exemplo controverso de uma gente que escrevia, desenhava, plagiava ou compunha música em crônica e constante mobilidade, escapulindo àqueles cânones consagrados de autoria, vigentes no incipiente universo cultural da época. Míopes como Machado, viviam no dia-a-dia, incapazes de enxergar longe, apostando no fluxo do espontâneo e na finitude do tempo e produzindo, afinal, uma visão alternativa e, quem sabe, mais autêntica da história do País.

* Publicado em *O Estado de S. Paulo*, 5/2/2006.